



JUBILEU DE OURO SACERDOTAL DO COLEGA DOM ANTONIO GASPAR 1962 - 8 DE JULHO - 2012

Dom Gaspar é paulistano nascido no bairro do Belém, então uma região predominantemente de classe operária e de grandes indústrias. Kursou o nosso Seminário Menor entre 1951 e 1955. Continuou os estudos eclesiásticos no Seminário Central do Ipiranga, onde se formou em Filosofia e Teologia.

Sua ordenação presbiteral foi em 1962 e a ordenação episcopal no ano de 1983.

Uma vez ordenado presbítero, exerceu o múnus de vigário cooperador na paróquia Divino Espírito Santo (Bela Vista), vigário econômico e pároco na paróquia Santíssima Trindade (Casa Verde) e pároco na paróquia Santa Joana d'Arc (Jardim França). Nessas mesmas oportunidades, foi coordenador do Setor Casa Verde, membro do Conselho de Presbíteros e do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral e coordenador de Pastoral da Região Santana. Foi também cônego capitular do Cabido Metropolitano da Arquidiocese.

Após a ordenação episcopal, Dom Gaspar foi bispo

auxiliar do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns para a Região Santo Amaro, vigário episcopal da Região Sé e procurador da Mitra Arquidiocesana.

No ano 2000 foi nomeado bispo diocesano da Diocese de Barretos (SP), onde trabalhou, até janeiro de 2008.

Atualmente, é bispo emérito de Barretos e reside na cidade de São Paulo onde passou a maior parte de sua vida.

Ad multos annos!

Ao ordenar-se presbítero, Dom Antonio Gaspar tinha a companhia de sete outros ex-alunos do Seminário de São Roque que, como ele, estão completando o seu **JUBILEU DE OURO PRESBITERAL**. A todos o Echus do Ibaté vem prestar justa homenagem, eis que, tanto o falecido Padre João Batista dos Santos, como

todos os demais, hoje dedicados a funções não ministeriais, continuam, cada um deles, assim como Melquisedeque, "sacerdos in aeternum", não só pela unção, mas pela digna atuação em seu meio social.



HOMENAGEM DO ECHUS DO IBATÉ AOS EX- ALUNOS DO SEMINÁRIO DE SÃO ROQUE



ANTONIO GASPAR



ARY JOLY



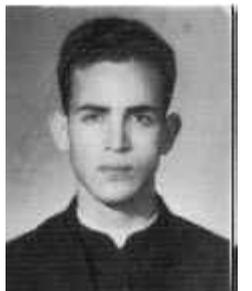
ATTILIO BRUNACCI



JOÃO BATISTA DOS SANTOS
(In Memoriam)



MARCOS TARCISO MAZZETO



PAULO SEBASTIÃO RIBEIRO



SYNÉSIO BARBOSA DE MELO



WALDEMAR CALDIN

GLORIA ET HONORE DEUS CORONAVIT EOS (SI 8,6)

VENDO O MUNDO COM ÓCULOS DE VOVÔ



Paulo Francisco Toschi*

Vivemos uma época de transição.

Estamos no começo da segunda década do século 21. Em 2012.

Há pessoas nascidas no século 19? Não mais. Se alguma houver, nascida na última década daquele século, ou seja, entre 1891 e 1900, terá, no mínimo, 112 anos, o que é praticamente impossível. Se existir, dificilmente terá uma vida normal, participativa, consciente.

Temos bem poucas pessoas nascidas nos primeiros vinte anos do século 20, ou seja, de 1901 a 1920. Há figuras expressivas, como Oscar Nyemeier, ainda ativas. Mas, isto é muito raro.

Os nascidos entre 1921 e 1930 estão, hoje, no mínimo, com 82 anos.

Os nascidos entre 1931 e 1940 estão, hoje, no mínimo, com 72 anos.

Os nascidos entre 1941 e 1950 estão, hoje, no mínimo, com 62 anos.

Alguns conheceram o mundo anterior à Segunda Guerra Mundial, outros, em sua adolescência e sua juventude, viveram o “pós-guerra”.

Foi a época da ascensão (1930) e da queda (1954) de Getúlio Vargas. Depois, sua volta em 1950.

São Paulo viveu a epopéia cívica da Revolução Constitucionalista de 1932.

Tivemos a Intentona Comunista em 1935 e o Estado Novo em 1937.

O Brasil se redemocratizou, com a Constituição de 1946.

Os nascidos entre 1951 e 1960 estão, hoje, no mínimo, com 52 anos.

O Brasil deixou de ser essencialmente agrícola e criaram-se a CSN e a Petrobrás.

No fim da década, Juscelino nos trouxe a indústria automobilística e construiu Brasília.

Os nascidos entre 1961 e 1970 estão, hoje, no mínimo, com 42 anos.

Tivemos Jânio Quadros, João Goulart e nos afundamos em uma pesada ditadura.

Tínhamos a voz calada e o medo estampado em nossos gestos e comportamentos.

Os nascidos entre 1971 e 1980 estão, hoje, no mínimo, com 32 anos.

Os anos de chumbo continuaram.

Surgiram os movimentos de protesto. A música virou uma arma política.

Os jovens pintaram a cara para derrubar a ditadura militar.

Os nascidos entre 1981 e 1990 estão, hoje, no mínimo, com 22 anos.

Até chegarem à faculdade, os nascidos nessa época viveram uma infância e uma adolescência de completo alheamento e inconsciência da vida política e social, deslumbrados com os prodígios da tecnologia e vivendo uma liberdade de baladas e barzinhos que seus pais não tiveram. Hoje, nas faculdades, estão se tornando cidadãos melhor preparados que os seus antecessores mais recentes, mas temerosos da falta de empregos e de oportunidades. Seus pais enfrentaram, enquanto eles cresciam, a mais louca inflação que o Brasil já teve. Houve mês em que ela atingiu mais de 80%. O salário subia todos os meses e, mesmo assim, se não fosse consumido

imediatamente, virava pó. Veio, então, a loucura do Governo Collor. Simplesmente sequestraram o dinheiro de todos os brasileiros. Foi muito duro pagar o resgate.

Os nascidos entre 1991 e 2000 estão, hoje, no mínimo, com 12 anos.

Estão começando a tomar consciência do mundo, atentos mais às evoluções da tecnologia.

Os nascidos entre 2001 e 2012 são nossa esperança para o futuro.

O mundo atual é um mundo de transformação, com grandes potências submergindo economicamente, eternos terceiros-mundos finalmente emergindo e as guerras continuando a destruir as esperanças de melhoria da civilização. Teme-se uma hecatombe ecológica.

Quem tinha mais de 20 anos em 1990, quando Collor assumiu a Presidência da República, sabe que é preciso se precaver. Quem só conheceu Fernando Henrique como Presidente, antes de Lula e de Dilma, pensa que tudo pode e que tudo tem o direito de fazer. As velhas raposas da política, já encanecidas, preparam-se para largar a rapadura. Os que vêm chegando ao poder agem como os exércitos vitoriosos: assumem o controle do país para saqueá-lo.

A que isto nos levará? Possivelmente a um enrijecimento do regime. Tomara que não sejam novos anos de chumbo. A moçada de hoje não está preparada para suportar torturas nem para depor totalitários. **“O t'ispiri il Signore un contento che ne infonda al patire virtù”.**

Queira Deus que o sofrimento não seja a sua escola de civismo.

Um dos sinais do que está para acontecer é a crescente campanha de desmoralização dos princípios e dos costumes, com ataques às autoridades constituídas, com manifestações cada vez mais ruidosas no sentido de desmontar o arcabouço jurídico que une o país. Contribuem para isto inescrupulosos apresentadores de televisão e do rádio, que passam ao povo a idéia de que o Poder Judiciário está superado e que é preciso seguir o pensamento desses cultivadores de pontos do IBOPE. Os meios de comunicação tornaram-se o novo púlpito onde sermões são cuidadosamente incutidos, de modo a conseguir uma monumental lavagem cerebral em todo o povo brasileiro, seja em programas jornalísticos, seja em entrevistas, seja através de piadas e gracejos dos humoristas, seja até na música (música?) martelada noite e dia nos ouvidos da nossa juventude.

Haverá alguma liderança capaz de mudar o rumo da história? A Igreja que não é. Também esta se encontra em inseguro e lastimável processo de “modernização”. Resiste ao abandono de velhos vícios e perdeu o controle sobre os que a desejam como um radiofônico e televisivo mercado, não de indulgências, mas de DVDs e excursões à Terra Santa e alhures. Talvez esteja na hora de Cristo empunhar novamente o chicote, para espancar vendilhões e pedófilos. Assim também, na vida civil, alguém irá fazê-lo.

Pensemos nisto, antes das eleições de outubro. Não percamos a oportunidade que nos é dada. Usemos nossa maturidade etária em favor de nossos netos, que terão de consertar os erros de seus pais e avós. E nada de torneira escorrendo, enquanto faz a barba.

(* Paulo Francisco Toschi, 74 (49/53) é bancário aposentado, advogado, sendo autor do Livro “Palavra de Seminarista” que está em seu blog WWW.paulo.toschi.blog.uol.com.br onde aguarda ansioso os comentários dos amigos. Paulo.toschi@uol.com.br



Todo dia saboreio um gole de dois licores especiais.

Não são licores feitos à base de álcool, mas são licores inebriantes. Trata-se na verdade de dois escritores clássicos, de cujas obras leio sistematicamente um texto delicioso. O tempo provou serem ambos homens de gênio, pois suas obras não foram esquecidas nem superadas pelos séculos. Eles deram uma contribuição definitiva para a evolução da humanidade. Os dois mestres, de cujas obras eu me abebero sempre com mais sede, e de cuja presença saio mais fortalecido, são frei Tomás de Aquino e o Pe. Antonio Vieira.

Frei Tomás é mais conhecido que Vieira, pois se este é o gênio da Língua Portuguesa, aquele é o gênio da Idade Média. Tomás continua a ser lido e apreciado na Língua Latina, uma língua morta que continua viva por causa de alguns autores. Tomás, o doutor angélico, é o gênio universal, em quem desaguaram toda a inteligência e as virtudes da antiguidade. Tomás é o mais sábio de todos os santos, e o mais santo de todos os sábios.

Tomás de Aquino é o mais ousado de todos os intelectuais, a ponto de assumir em nome da inteligência o realismo de Aristóteles sem menosprezar aspectos das idéias de Platão. Tomás busca sempre e em tudo a verdade, não importando com quem esteja, se entre os cristãos, se entre os pagãos, se entre os judeus, se entre os árabes. A ele se aplica bem aquela sentença aprendida nos meus tempos de Filosofia: "Amicus Plato, sed magis amica veritas", que se traduz assim: "Platão é meu amigo, mas a verdade é ainda mais minha amiga". Isto é, Platão, ou seja, qualquer autoridade intelectual, pode ser meu amigo. Mas a verdade, onde quer que esteja, e com quem quer que esteja, ainda que esteja com um pagão, com meu adversário, será mais amiga minha, será aceita por mim.

Nas páginas de Tomás, em função dessa paixão pela verdade, todos os escritores anteriores têm oportunidade de aparecer, de dar sua contribuição. Fiz questão de registrar à parte os nomes de tantos escritores representativos citados por ele, e a lista é grande. A tal ponto é admirado o Aquinate por sua inteligência que a Igreja Católica não duvidou de considerar a sua filosofia como a

filosofia cristã. Tomás na sua especulação subia da terra ao céu e descia do céu à terra. A segunda parte de sua Suma Teológica é apreciada ainda hoje como uma moral verdadeiramente humana. Tomás de Aquino é sempre descoberto sintomaticamente nos tempos de crise intelectual. Como, por exemplo, no século XVII, o século do Pe. Antonio Vieira.

Tomás é um dos chamados Padres da Igreja, de que se serve, nas suas argumentações, o "imperador da Língua Portuguesa", como chamou ao Pe. Antônio Vieira o excelso poeta Fernando Pessoa. Ora, o imperador é o que está acima de todos. E fico feliz com esse epíteto dado ao autor dos Sermões, cujos quinze volumes (da Lello & Irmão - Editores, de 1951) fui lendo pela primeira vez ao longo da vida, e estou relendo agora, dia a dia, com renovado prazer, na terceira idade. Vieira, porém, não é autor apenas dos Sermões. Vai-se descobrindo cada vez mais a importância de suas Cartas e de seus Relatórios.

Passados quatrocentos anos de seu nascimento, nos países lusófonos comemorou-se a efeméride com novos estudos de suas obras. E talvez seja ele, hoje, nos países de Língua Portuguesa, mais vivo e mais admirado que no seu tempo. O que Tomás tinha de contemplação no seu gênio, Vieira tinha de ação no seu. Tomás era Mestre de Universidade, Vieira era mestre na diplomacia, na política, no enfrentamento da censura da Inquisição, de cuja perseguição, aliás, não escapou.

O título de Sermões, dado por ele a boa parte de sua obra, pode enganar aos que não lêem o Pe. Antônio Vieira. O poeta Manuel de Barros, um de seus apaixonados leitores de nosso tempo, reconhece, em entrevista, que ao ler os Sermões ninguém se converte, mas com certeza descobre a arte da palavra.

O leitor, se quiser conhecer o ser humano, precisa também ler esses meus dois mestres - Tomás de Aquino e Antônio Vieira. Ler as suas páginas é como provar dois tipos de licores especiais e inebriantes. Ambos nunca foram tão conhecidos e estudados como no nosso tempo. Com Tomás se aprende a pensar. Com Vieira se aprende a escrever.

(*) Letterio Santoro, 72 (55/59) Membro da APEG Associação de Poetas e Escritores de Garça. Autor, entre outros, da série de livros de poemas LIÇÕES DAS CEREJEIRAS. letterios@hotmail.com

Bispos morrem



Augusto José Chiavegatto



festa e rojões, sinos não tocavam. Entendi: aquilo era morte de bispo, não gostei e o pouco que me restou, uma tarde cinza de agosto, imagens quase apagadas, esfumaçadas em nuvens de incenso: Dom Barreto.

Lá pelos seis anos, nítidas caíam as imagens em cabeça, começava minha história e já lia. No alto da lousa do Curso Infantil São José, lia: Jaguary, tanto de tanto de 1942. Dona Hermínia, a professora que tinha sido freira, solteira, passados prazos de casar. Um dia, dava aulas para primeira comunhão. Pelas duas horas, o sino da igreja tocou batendo que alguém morreu. Avisaram, dona Hermínia descabelou-se: Nossa Senhora! - disse segurando a cabeça dizendo: não tem mais aula, morreu o bispo de São Paulo, caiu do avião. Em rasos fundos de minha infância, fantasiava-me bispo, vestido de batina preta, faixa e meias roxas, lá do alto tudo caindo do avião, de ponta de cabeça com tudo e de sapato. Em fila, fomos à igreja rezar pelo bispo: dom José Gaspar.

Ao entrarem bispos em catedrais, órgão e coro irrompem: Tu es sacerdos in aeternum! que traduzo a meu jeito: bispo não morre nunca!

Aos cinco anos, nem sabia o que era bispo, muito menos cabia em minha cabeça a ideia de morte, meu negócio era comer, brincar, dormir, só. Meu pai me chamou depois do almoço: sua mãe vai vestir você que vai comigo no enterro do bispo que morreu. Sem nada dizer, em mãos de meu pai, fui. Em frente do Bar Ideal, rua Barão de Jaguará, Largo do Rosário, plantamos. Gente pra burro e mais gente que chegava, eu em mão de meu pai que não me perdesse, guardas com cordas amarrando o povo para ninguém entrar no meio da rua, todo mundo olhando sei lá no quê, quase não falavam, cochichando, ninguém ria. Aí começou passar um monte de padres que nem o de Jaguary, de vestido de preto, de vermelho, de roxo, até meninos de saia de preto, uns velhos carecas com capinhas vermelhas carregando tochas com vidro que nem lampião, freiras de azul, negros com capinhas pretas, um trazendo um treco com o retrato de São Benedito, mulheres de fitas e véus, fitas vermelhas, amarelas, moças de branco, fitas de azul e uma faixa na barriga, gentes, muita gente, rezando, procissão não era, achava, nem santo passou balançando com pescoço duro. Meu pai disse: lá vai o bispo, tirando o chapéu. Onde? - vi bispo nenhum. Meia dúzia de padres carregavam uma caixona de madeira que nem uma canastra que tem lá em casa cheia de roupas velhas e trapos, essa era mais comprida e de madeira venisada, atrás, a banda. Tocava diferente, nem tocava taratachin como dia de

Devagar fui aprendendo que bispo também morria. Hoje, aos meus setenta e seis anos, mais de cem de bispos, conhecidos e colegas de estudo, já se indo em procissão nas ruas de minha vida, desfilaro solenidades da morte. Poucos dias, meu amigo Dom Eugênio Salles. Conheci-o em tempos de bispo de Natal e posteriormente em Concílio, admirava-o por ideias e jeito de ser bispo. Estudei com seu meio irmão, Otto. Ao longo de sua vida e de minha, não sei se minhas ideias batiam com as dele, que importa?! Cristalizo-me em sabedorias de velho: não meço mais as pessoas só pelas ideias, mas pelo que fizeram e fazem, mesmo que por pequenos gestos em favor dos homens, mais infelizes e perdidos. Dom Eugênio em recente entrevista, contou: voltando a sua casa, de noite tarde, como de costume, passava pela floresta da Barra da Tijuca, sempre via homens armados, área de tráfico, quando passava baixavam suas armas que o conheciam. Por vezes, um morto à beira da estrada, parava, ia ao morto e rezava. Nunca me molestaram - disse. Aos que elogiavam sua coragem, dizia rindo: coragem, coisa nenhuma! rezava, dava bênção ao morto, saía de fininho, entrava no carro sem lhes dizer nada que eu não era besta. De tudo o que falou, escreveu e ensinou o evangelho de Jesus, resta-me apenas a figura de um velho bispo junto a um morto caído na beira da estrada na Barra da Tijuca que leva a Jericó (cf. Lc 10,30-37).

(*) Augusto José Chiavegatto, 76, ex-aluno do Seminário do Ipiranga de 54 a 57. Filósofo e Professor Universitário aposentado. Lecionou no Seminário Central e na PUCSP. Exerceu o sacerdócio no período de 1960 a 1975. augustochiavegatto@globocom

Adeus, querido Monsenhor Trivinho



Pe.Cido*



A Arquidiocese de São Paulo despediu-se, dia 16 de junho, do querido monsenhor Antonio Trivinho, o mais idoso dos seus sacerdotes. Ele foi acolhido por Deus, num abraço misericordioso e eterno, após 101 anos de vida, dos quais 76 como sacerdote. Como bem lembrou dom Odilo Scherer na homilia da missa de corpo presente, na tarde daquele sábado, somados os anos de seminário, pode-se dizer que

praticamente toda a sua vida foi entregue a Deus e à Igreja.

A vida de monsenhor Trivinho se confunde com a vida da Arquidiocese de São Paulo, porque, nascido em 1911, ordenado sacerdote em 1936, ele colaborou como secretário, como vice-chanceler e como chanceler com todos os arcebispos: dom Duarte Leopoldo e Silva, dom José Gaspar de Affonseca e Silva, dom Carlos Carmelo Vasconcelos Motta, dom Agnelo Rossi, dom Paulo Evaristo Arns, dom Cláudio Hummes e dom Odilo Pedro Scherer.

Ele tinha muitas e belas histórias para contar, histórias que guardava na

memória e no coração, como, por exemplo, os seus passeios com o pai no canteiro de obras da atual Catedral da Sé; a sua infância cheia das estrepolias, próprias dos garotos espertos na São Paulo dos lampiões a gás; a sua entrada no seminário de Pirapora; sua ordenação; os serviços prestados aos diferentes arcebispos. De cada pastor da Igreja em São Paulo ele conservava uma lembrança bonita que relatava com um santo orgulho.

Neste ano em que celebramos os 70 anos do 4º Congresso Eucarístico Nacional, cuja organização testemunhou o poder de organização de dom José Gaspar de Affonseca Silva, o arcebispo que o ordenou padre, monsenhor Trivinho lembrava o entusiasmo do povo e a cena curiosa da fila de padres dispostos a 20 metros uns dos outros, atendendo as confissões dos fiéis na rua Direita.

Monsenhor Trivinho viveu a imensa alegria de ser padre; e com que orgulho ele proclamava isso.

Fica para todos nós a alegria de saber que ele descansa junto de Deus, a gratidão por sua vida de dedicação à Igreja e o desejo de que muitos e muitos padres continuem a imensa obra de evangelizar esta imensa e querida cidade de São Paulo. Dai-lhe, Senhor, o descanso eterno, e brilhe para ele a vossa luz!

(*) Antonio Aparecido Pereira-Pe.Cido, 68 (59/64) Pároco na Casa Verde, Paróquia Nossa Senhora das Dores. Diretor do Jornal "O SÃO PAULO". Comanda programas diários na Rádio 9 de julho. Vigário Episcopal para a Pastoral da Comunicação da Arquidiocese de São Paulo. Auto do livro "100 Dúvidas de Fé". padrecido@uol.com.br



Attilio Brunacci*

De manhãzinha, o sol ainda não raiou e eu, quase todos os dias, vou fazer uma caminhada ao redor de um parque perto da minha casa. Não sou o único; inúmeras outras pessoas, homens e mulheres - todos com direito ao acento preferencial no transporte coletivo - vão lá caminhar também; em geral, por recomendação do cardiologista de cada um.

Num dia desses, coincidiu de eu caminhar ao lado de um senhor. A gente se conhece apenas “de vista” e dos cumprimentos matinais; só isso. Conversa vai, conversa vem, esse senhor, seu nome é Mário Rubial, me contou que, noutro dia, viu um cadeirante (que vocábulo infeliz!) atravessar a rua em sua cadeira de rodas, subir na calçada, abrir a porta traseira do seu carro, ajeitar a cadeira de rodas no banco de trás e entrar com certa dificuldade pelo lado direito. Então, deu na partida e saiu tranqüilo, com toda a naturalidade.

Ele me disse que essa cena deixou-o maravilhado e começou a falar de inúmeros outros casos de pessoas com sérias limitações físicas que não as impedem de viver felizes e até mesmo de competir em várias modalidades esportivas, até em torneios paraolímpicos. Mas, continuou ele, existem seres humanos que só sabem reclamar da vida, de tudo e de todos; não sabem ser felizes, mesmo gozando de boa saúde. Só se dirigem a Deus, em forma de rezas, para pedir e pedir, como se nosso Pai fosse apenas um funcionário público a serviço do mau humor.

Então, a propósito desse tipo de relacionamento com Deus e com a vida, ele me contou que faz parte de um grupo de amigos que se reúnem a cada dois meses, às vezes para alimentar a saudade, às vezes para alimentar o estômago. Entre esses seus amigos, o Ermetio Tognetti, um senhor de 90 anos, falecido recentemente, o mais animado da turma. Sua morte deixou o Mário bastante aborrecido. Foi a partir desse seu estado de alma que ele se inspirou e escreveu uma crônica para falar de Deus e do amigo Tognetti, recém-falecido.

Eu li a sua crônica e imediatamente pensei no nosso grupo do Ibaté, nos encontros das primeiras sextas-feiras ou nos “futebois” da chácara do Rovirso. E pensei mais longe ainda: qualquer mera coincidência é autêntica semelhança?

Daí que me veio a ideia de publicar a crônica do Mário, *ipsis litteris*, no nosso Echus, como segue abaixo.

CARTA PARA TOGNETTI ou CONCORRÊNCIA DESLEAL

Está certo. Ele pode tudo. Afinal, criou o mundo e tem todos os poderes. Põe e dispõe. Mas, será que não poderia esperar mais um pouquinho? só um tiquinho?

Tenho certeza que não fez por mal. Ele é só bondade. Xô para aqueles que dizem que devemos temer a Deus. Bobagem. Deus é bondade. Pura bondade. Nós é que vivemos estragando a obra Dele. Meninos peraltas que somos e que insistimos em não lembrar Seus ensinamentos. Ah, vou parar de reclamar! Eu, pelo menos, pude curtir o Tognetti por mais de 20 anos. Egoísmo querer que ele ficasse mais um pouco. Fez por nós mais do que devia. Que privilegiado eu fui! Acho mesmo que Deus estava com um pouco de inveja da nossa turma. Ele com um monte de problemas, bilhões de pessoas pedindo, só pedindo. “Deus,

me ajuda aqui!” “Deus, me faça isso!” “Deus, me livre daquilo!” Deus...Deus...Deus...ufa!

Aquele monte de santo reclamando da vida. Era Santo Antonio irritado porque o número de casamentos estava diminuindo. São Pedro que já não conseguia controlar o tempo. Ora chovia demais, ora de menos. E Santo Expedito, todo metido, dizendo que era o santo preferido de todos; era só Deus conferir o número de faixas espalhadas pela cidade. “Que amolação!”, dizia Deus. “Será que não tenho direito a um pouco de descontração? Tudo comigo, saco?!” E a vida seguia.

Um dia, Deus resolveu dar uma olhadinha cá embaixo. “Deixa dar uma olhada nesses meninos”, disse. E situou-se num pequeno grupo que não parava de rir; uma baita agitação. Muita piada, gozação de tudo que era jeito. E cerveja, vodka, vinho... e riam, riam, riam...

Notou o Criador que havia um foco principal naquele grupo; tudo girava em torno dele. Olhou mais de perto e viu uma figurinha franzina, que comandava tudo. E como falava palavrão aquele filho! Mas todo mundo gostava. Todos cativos daquela figurinha irrequieta.

“Bom”, pensou o Criador; “alegria esporádica; deixa para lá”.

Passaram-se alguns dias e o Criador, de novo com o saco cheio. Era santa com ciúmes das roupas da outra santa. Anjo brigando com anjo. Um inferno! Épa, nada de valorizar a concorrência.

Deus então se lembrou daquela turminha festiva, com seu líder franzino e boquirroto.

“Ah, vou dar uma olhadinha!” De novo, uma puta bagunça. Nesse dia, Deus flagrou a turminha num restaurante. E o velhinho ria, brincava com todo mundo, apertava o saco dos garçons. E riam, riam, riam...

“Bolas”, pensou Deus. “O que eu estou precisando para aliviar minha barra é um pouco de alegria”. Pensou, pensou e... Eureka!!

- Expedito, Benedito, Pedro, João, Antonio, levantem a ficha daquele velhinho safado que lidera um grupo de velhinhos arrelentados e que não param de rir, rir, rir...

- Ok, Chefe. Aqui está a ficha. O nome dele é Ermetio Tognetti. É alfaiate. Mas, o melhor dele é a alegria, a capacidade de transformar qualquer ambiente em muita alegria, alegria, alegria...

- Então, é disso que precisamos. Prepare a viagem do Tognetti. Quero que ele esteja à minha disposição o mais rápido possível. Este céu está muito chato. Quero alegria; quero rir, rir, rir...”

E foi assim que Ele nos tirou o Tognetti. Também não podemos ser egoístas. Deus é do bem. E com tantos problemas, bem que Ele precisa de alguém que O divirta, Lhe dê esperança, que O conforte nas horas difíceis.

E que o faça rir, rir, rir...

É isso, Tognettinho; dê uma mão pro Chefe e comece a arrumar um bom lugar pra nossa chegada.

(Mário Rubial)

(* Attilio Brunacci, 75 (49/55) Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos Livros: “Grazie Tante”, autobiografia, “São Paulo na Frente pelo Trabalho” e “Cetesb: 25 anos”. Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. atiliobrunacci@gmail.com

BADALLANDUM



Padre Noé chega aos 95 anos de idade com dinamismo



No último dia 17 de junho, o bairro da Freguesia do Ó, em São Paulo, esteve em festas.

O padre Noé Rodrigues completou 95 anos de idade.

Noé Rodrigues nasceu em Botucatu, em 17 de junho de 1917. Forma-se professor e exerce sua missão de educador primeiramente em

Evaristo Arns, assume como Vigário a Paróquia de Nossa Senhora do Ó.

Em 1976, Padre Noé é nomeado Cônego, passando a fazer parte do Cabido Metropolitano da Arquidiocese de São Paulo.

Na Paróquia de Nossa Senhora do Ó, concentra todas as suas atenções aos Movimentos Familiares e de Encontro. Preside a Obra Assistencial Nossa Senhora do Ó e a Fundação Nossa Senhora do Ó, entidades jurídicas responsáveis pelas Obras Sociais da Paróquia. Amplia o Hospital, obra iniciada pelo também nosso professor no Ibaté, Padre José Maria Collaço. Inaugura a Creche Menino Jesus, utilizada, também, como Centro Comunitário.

Ainda hoje é o mentor, firme e forte, da Obra Assistencial Nossa Senhora do Ó, sempre com a preocupação voltada à educação e ao amparo às crianças e jovens mais desassistidos da sociedade.

Sob sua coordenação foram criadas oito creches, com 1.040 crianças; um núcleo socioeducativo para crianças, de 6 a 14 anos, com 250 crianças e um núcleo socioeducativo para adolescentes e jovens de 15 a 17 anos, com 100 participantes.

Tem como braço auxiliar da sua ação social a Fundação Nossa Senhora do Ó, responsável pela organização da Feira das Nações, que dá suporte às creches, arrecadando fundos complementares para o bom atendimento das crianças e jovens.

Assim temos, em breve resumo, a edificante vida e o expressivo desempenho de nosso querido Pe. Noé. Ad multos annos!!!

Jarinu, depois em Agudos e posteriormente em São José do Rio Preto.

Entra no Seminário Central do Ipiranga em 1940, onde inicia sua preparação para o sacerdócio.

Em 08 de dezembro de 1950, na Igreja de Santa Efigênia, o professor seminarista recebe, pela imposição das mãos do Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, a ordenação presbiteral.

Em 1951, dando início à sua missão sacerdotal, recebe a incumbência de lecionar no Seminário do Imaculado Coração de Maria, em São Roque, o nosso Ibaté, indo, posteriormente, para o Seminário de Aparecida do Norte.

Em 1965, retorna ao Seminário Central do Ipiranga, como professor, e exercendo as funções de ecônomo e vice-reitor.

Em 18 de dezembro de 1966, por nomeação de D. Paulo

CORDÃO É RECONDUZIDO AO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

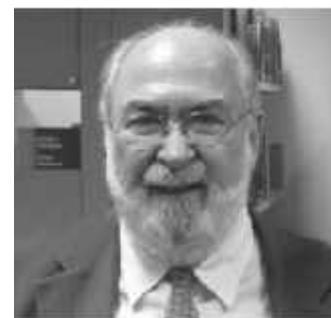
O Diário Oficial da União do dia 6 de junho último, mesmo dia em que vencia o terceiro mandato de nosso colega Francisco Aparecido Cordão no Conselho Nacional de Educação, publicou o Decreto de 5/6/2012, da Senhora Presidenta da República, nomeando os Conselheiros propostos pelo Senhor Ministro da Educação para integrar as Câmaras de Educação Básica e de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, com o que, merecidamente, esse nosso amigo e eminente educador foi reconduzindo a suas importantes funções.

O nosso colega Francisco Aparecido Cordão coordena os Encontros dos filósofos e teólogos do Seminário Central do Ipiranga e é assíduo frequentador dos encontros do Ibaté. Foi reconduzido para integrar a Câmara de Educação Básica. Ele conseguiu o feito de ser nomeado para esse cargo pelos três últimos presidentes da República: Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

Francisco Aparecido Cordão é licenciado em Filosofia, Teologia e Pedagogia; foi professor Universitário nas Faculdades Associadas do Ipiranga; Orientador Social do SESC de São Paulo; Conselheiro do Conselho Estadual de Educação de São Paulo durante 18 anos; Vice-Presidente e Presidente da Câmara de Ensino de 2º grau; Vice-Presidente e Presidente da Comissão de Planejamento; Vice-Presidente e Presidente do Colegiado; Presidente da Câmara de Ensino Médio, onde cumpriu mandato até 2000 na Câmara de Ensino Médio e na Comissão de Legislação e Normas; Conselheiro Titular do Conselho Municipal de Educação de São Paulo, com mandato de 4 anos (94 a 98); Conselheiro do Conselho Nacional da Educação; Conselheiro Titular da Câmara de Educação Básica, com mandato desde 1998, reconduzido, agora, para um novo

mandato.

Reproduzimos suas palavras de agradecimento e compromisso com o futuro da educação em nosso País: “Esta minha recondução, embora esperada, veio acompanhada de uma certa dose de surpresa e, obviamente, muito me alegrou. Eu estou muito feliz com esse resultado, embora bastante consciente de que devo ter a minha atenção voltada muito menos para as honras dos cargos e muito mais para as tarefas e ônus inerentes aos encargos assumidos. Certamente, assumirei esse novo encargo com redobrado senso de responsabilidade, buscando não decepcionar nenhum daqueles que me apoiaram nesta caminhada rumo à terceira recondução ao Conselho Nacional de Educação. Publicamente, me comprometo a empreender, com já tenho feito, o máximo de meu esforço pessoal para não decepcionar ninguém, em homenagem a todos aqueles que acreditaram e acreditam em mim. Continuo contando com apoio de todos e todas para que eu consiga bem desempenhar as minhas novas funções na Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, de modo especial, fazendo justiça ao meu histórico de vida profissional, no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica e na garantia de uma Educação da maior qualidade para todos e cada um dos cidadãos brasileiros”.



UMA FOTO UM FATO



Alfredo Barbieri*

Na Revolução Paulista de 1924, após um combate entre as forças legalistas, que haviam cavado uma trincheira na Avenida Celso Garcia, e as hostes paulistas, o irmão mais velho de meu pai, de nome Alfredo Barbieri, que estava na trincheira e era soldado do Exército, sediado em Caçapava, sumiu.

O empenho dos pais, tios e irmãos, para encontrá-lo, foi intenso.

Foram percorridos todos os centros de detenção de combatentes, além da Estação da Luz, onde os prisioneiros foram confinados, com eletrificação das grades, Distritos Policiais Federais e Estaduais e nada de notícias.

Minha avó paterna, Rosa Barbieri, jamais admitiu ficar sem seu filho e, até à morte, viveu na expectativa de encontrá-lo.

O tempo foi passando, mas sempre havia, na família, a esperança de que certo dia, ele reaparecesse. Não havia comprovante de sua morte.

Meus pais moravam em São Paulo. Corria o ano de 1932 e em abril, dia 19, na Rua 21 de Abril, no Brás, nascia o primogênito do casal João Barbieri e Virgínia Barbieri, eu. Meus pais, numa homenagem à memória de meu tio desaparecido, deram-me o nome de Alfredo Barbieri.

Certa ocasião, após muitos anos, já residíamos em Taubaté, meu pai teve notícia de que na Alameda Barros, na Capital, havia um Alfredo Barbieri. Foi até lá e foi informado de que não se tratava de seu irmão, esse Alfredo era gêmeo e

de outra filiação, era simples coincidência. E entregou a papai uma fotografia de um teatro que anunciava a apresentação de um cantor argentino, Alfredo Barbieri, que eu possuo até hoje e faz parte deste comentário.

Conheci outros dois do mesmo nome: um tio de meu pai, que morava em Quiririm, Distrito de Taubaté, carinhosamente chamado de Alfredão, e outro em Jacareí.

Fato pitoresco. Quando faleceu o Alfredo Barbieri de Quiririm, eu fazia na Rádio Difusora Taubaté, um programa chamado Vida Vicentina e foram inúmeras as ligações, para saber se o falecido era o professor Barbieri. Eis uma foto, um fato.



(* Alfredo Barbieri, 80 (49/53) é professor aposentado da Universidade de Taubaté e Membro da Academia Taubateana de Letras. alfredo_barbieri@hotmail.com

INAUGURAÇÃO DA “ORQUESTRA” DO SEMINÁRIO DODECAFONIA



Paulo Oliveira Leite Gonçalves*

Aconteceu no ano em que foi inaugurado o salão de festas.

De repente, em dia de celebração especial, no Programa da Solenidade havia um item: “Inauguração da Orquestra do Seminário”.

Na verdade, acabávamos de receber dois violinos e um “rabcão”. O piano já estava no salão. Ao violino estavam Pe. Luciano Grilli e nosso colega Laerte Vieira da Cunha. No rabcão, Pe. Waldemar Conceição. A peça, a primeira e quase única, se chamava “Profumi Orientali”.

O que mais me chamou a atenção no momento, foi a palavra de D. Antônio Siqueira que, no alto de sua erudição, como fala inauguratória, discorreu sobre a história da música, abordando a música ritual da Sinagoga, monódica, solene e austera. Em seguida passa a discorrer sobre o Canto Gregoriano, como transferência daquela música da Sinagoga para os Mosteiros religiosos, brevemente chamando a atenção sobre a ação de S. Bento ao recolher os diferentes e tantos indivíduos dedicados solitariamente à oração e contemplação divina, adotando o canto ao estilo da Sinagoga e que S. Gregório Magno adotaria como o Canto Oficial da Igreja. Ali, desdobrou-se contemplando o casamento das modulações ritmadas do Gregoriano e a ressonância nas arcadas dos

templos insistindo que se tratava de músicas passadas de viva voz de geração para geração, recordando a figura do Monge Guido di Arezzo, o criador da escrita musical. Na sequência lembrou o nome de Palestrina (Giovanni di Gianpiero da Palestrina) o genial compositor que por primeiro passou a compor em polifonia, deixando, entre suas geniais criações a “Missa do Papa Marcelo”, Pontífice que presidiu a Igreja por apenas vinte dias.

Ficou-me na memória a palavra “dodecafonía” que D. Antônio repetiu pelo menos umas dez vezes. Imagino que, como os demais companheiros, jamais havia ouvido tal palavra. Ao longo dos anos, porém, após ter buscado em vão no dicionário, o termo ficou-me martelando na cabeça. Um dia, já formado e exercendo o mister próprio, eis que a dodecafonía me retorna à mente, com a mesma interrogação: “Quid hoc sibi vult?”. Aí, como dizem os italianos sem grande experiência na língua portuguesa, o “burino” lembrou-se de que havia estudado grego. Dodeca+fonía. Doze sons. Aí comecei a contar as notas com os respectivos sustentidos e o resultado foi 12!

O certo é que me ficou na lembrança a história da música na Igreja e, após mais de uma década, a descoberta do que seja Dodecafonía.

(* Paulo Oliveira Leite Gonçalves, 75 (49/54) é licenciado em Filosofia, Teologia. Bacharel em Direito, Doutor em História Antiga (USP). Tradutor Público no Estado de Goiás de Frances e Italiano. Professor aposentado da Universidade Federal de Goiás. oliveiratradutor@gmail.com

CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS

De Paulo Sebastião Ribeiro (50/55) - Querido Mosca, nunca será demais agradecer a você e aos parceiros o que você vem fazendo para manter viva e significativa parte de nossas vidas no Seminário do Ibaté. Amigos contemporâneos, professores, mestres, diretores, cantos, recantos, paisagens, atividades literárias, artísticas de uma fase em que vivíamos nossa adolescência.

Cantando e juntando tudo isso que não morreu e continua influenciando e determinando nossa maturidade e velhice. Fico ansioso pela chegada do Echus do Ibaté para compor e recompor a vida. Abraços. Arraial do Cabo-RJ 01.06.2012
paulo@estalagemdoporto.com.br

De José Moreira de Souza (55/59) - Prezado Mosca, no dia 2 de junho, às 11 horas, o senhor cardeal, Dom Serafim Fernandes de Araújo, celebrou, a meu convite, uma missa no Mosteiro de Macaúbas, em Santa Luzia. O motivo era a reunião dos gouveianos. Nas preces para os vivos, você esteve presente. Minha mensagem para todos foi esta: "Quid retribuam Domino pro omnibus quae tribuit mihi? Calicem salutaris accipiam et nomen Domini invocabo". Em seguida, em Pinhões, todos brindamos à saúde (calicem salutaris) dos amigos - você incluído - para celebrar a glória de nossa amizade. Belo Horizonte-MG 04.06.2012
josemoreira@superig.com.br

De Luiz de Gonzaga Giannini (50/56) - Amigo Wilson, como é bom receber os parabéns dos amigos no aniversário! Principalmente dos eternos e velhos amigos ibatenos. Muito obrigado! 23.06.2012 São Caetano do Sul-SP
luizgiannini@ig.com.br

De Norberto Antonio Folkas (64/66) - Mosca, como sempre, em todos estes anos nos chegam os votos de feliz aniversário da Turma do Ibaté. Agradeço a atenção de coração pela lembrança e enquanto o Pai Eterno

permitir que recebamos esta menção pelo natalício, fazendo que a cada ano em que recomeçamos a nossa jornada seja para rever e melhorar aquilo que deixamos passar no ano findo. De coração agradeço-lhe muito. 25.06.2012 Santa Cruz da Conceição-SP
norfolkas@uol.com.br

De Antonio Paulo da Costa Carvalho (59/63) - Mosca e TODA NOSSA FAMÍLIA DO IBATÉ, agradeço os votos a cada irmão de minha família aí ampliada, cunhadas, sobrinhos, e retribuo com carinho os votos com esta mensagem de Mário Quintana: *"A Idade de Ser Feliz: Existe somente uma idade para a gente ser feliz, somente uma época na vida de cada pessoa em que é possível sonhar e fazer planos e ter energia bastante para realizá-los a despeito de todas as dificuldades e obstáculos. Uma só idade para a gente se encontrar com a vida e viver apaixonadamente e desfrutar tudo com toda intensidade sem medo nem culpa de sentir prazer. Fases douradas em que a gente pode criar e recriar a vida à nossa própria imagem e semelhança e vestir-se com todas as cores e experimentar todos os sabores e entregar-se a todos os amores sem preconceito nem pudor. Tempo de entusiasmo e coragem em que todo desafio é mais um convite à luta que a gente enfrenta com toda disposição de tentar algo NOVO, de NOVO e de NOVO, e quantas vezes for preciso. Essa idade tão fugaz na vida da gente chama-se PRESENTE e tem a duração do instante que passa."* 28.06.2012 São Paulo-SP
antonio.p.carvalho@terra.com.br

De Paulo Correia Rosa (50/51) - Wilson e turma do Ibaté, agradeço a lembrança. Tenho recebido sempre o nosso ECHUS e assim me ligo a uma fase feliz de minha vida no Seminário de São Roque (ou melhor Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria). Saudações ibateanas. 11.07.2012 Curitiba-PR
rosagraf@terra.com.br

NA CASA DO PAI

• Faleceu no dia 14 de junho **THEREZINHA ANGIOLUCCI DA SILVA**, aos 78 anos, mãe do nosso colega **MARCIO PEREIRA DA SILVA (67/70)**.

• Faleceu no dia 16 de junho **CÔNEGO ANTONIO TRIVINHO** aos 101 anos de idade. Vide matéria na página 4 escrita pelo Pe.Cido.

SEMINÁRIO & FUTEBOL: UMA CAMUFLADA FORMA DE SUBLIMAÇÃO?!

(aos ex-craques de futebol da seleção ibateana, com carinho)

José Wolf*



A propósito da Copa de Futebol de 2014, que deverá acontecer no Brasil e que virou a bola da vez da mídia, em meio a tanta polêmica e tititi, eu me lembrei dos tempos do Seminário do Ibaté. Mas, o que tem isso a ver com o Seminário do Ibaté? A meu ver, tudo.

Pra começo de conversa, lembraria que num dos encontros dos ex-seminaristas nas primeiras sextas-feiras do mês, num grill de São Paulo, o mandí contemporâneo Wilson Mosca, sempre transparente, me revelou: -“Wolf, pra bem da verdade, o que eu mais gostava no Seminário do Ibaté era jogar futebol”.

Sincero, retruquei: “Já, pra mim, um punga, era um sacrifício, pois, fugia da bola, assim como o diabo foge da cruz”, a exemplo de nosso mestre Darcy Corazza, que chegou a ser advertido por não saber jogar futebol.

A condição de punga me deixava, muitas vezes, de escanteio, discriminado e fragilizado frente aos craques da bola, que a história acabou revelando que, na realidade, era uma bola murcha!. Muitos desses craques, infelizmente, já penduraram as chuteiras.

Aos pungas, só sobrava o chulé das chuteiras, sem grife ou marca, guardadas no armário do galpão do recreio, que era nosso refúgio nos dias chuvosos. Galpão, onde se jogava ping-pong. Esporte que, por sinal, conectou, um dia, a misteriosa China aos todo-poderosos Estados Unidos...

De volta ao futuro passado - Quanto ao tema futebol, releiam o texto de Isidoro da Silva, no Echus 108, pagina 8 ou do Echus 105, na página 10, no qual o craque Getulino do Espírito Santo (que não foi de meu tempo), ao lado do Quinzinho, Barizon, Eládio, Nelcindo (in memoriam), é escalado o nosso condotiere Wilson Mosca, com suas “alvas e imberbes pernas...”.

Pernas? Que, pra mim, sempre foram o calcanhar de

Aquiles ou motivo de complexo, devido à canela fina, até que conheci alguém sem perna e agradei a Deus, pelas pernas magricelas e branquicelas, mesmo não sabendo jogar futebol.

Futebol? Na opinião dos consagrados cronistas Nelson Rodrigues e João Saldanha, sempre significou “arte e paixão de uma Nação”, que em lugar de investir suas energias em outros, optou pelo futebol e o carnaval.

A exemplo dos tempos do Ibaté, quando o futebol, a meu ver, era uma espécie de “bengala emocional” ou uma forma de sublimação para queimar calorias de mancebos imberbes, quando não tínhamos nenhuma informação sobre sexo e a libido, um tema-tabu, que, ao deixarmos o Seminário, foi para mim motivo de caríssimas (no sentido monetário) de inúmeras sessões de análise ou psicanálise.

O máximo que nos ensinaram foi a advertência, ao sairmos para as férias: cuidado com as primas!, além do patrulhamento sobre as chamadas “amizades particulares”, inibindo o possível intercâmbio fraternal com o alter-ego: o outro! Sem o qual, segundo a psicanálise, não somos completos!

Resumo da ópera: a meu ver, fomos e continuamos, em síntese, todos nós (titulares ou reservas), pungas. De qualquer forma, somos herdeiros de uma época na qual o futebol era uma simples brincadeira, sem marketing, valor mercadológico ou status profissional.

Para concluir, na contramão do otimismo do caro Peralta (Echus 109), assim como da propaganda oficial, confesso meu pessimismo quanto à Copa de 2014, depois do episódio da invasão de um hotel em São Conrado. Episódio, que na opinião de comentaristas, coloca em pauta uma das questões que mais preocupam a sociedade brasileira atual: o da violência, num país carente na área da saúde, educação, emprego, segurança etc. Quem viver, enfim, verá!

(*) José Wolf, 74 (50/58) jornalista profissional, trabalhou no “Jornal do Brasil”, no “O Estado de S.Paulo” e na “Folha de S.Paulo” e na Editora Pini, sendo cofundador, com o Arq. Mário Sérgio Pini e Haifa Sabbag, da Revista AU-Arquitetura e Urbanismo. Atualmente é coeditor do boletim do IAB-Instituto de Arquitetos de São Paulo.

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

Photantiqua

Foto cedida pelo colega JOSÉ JORGE PERALTA (58/59) e reproduz o dia do batizado de seu filho Daniel Garbuio Peralta, em 1985, nos jardins da igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição, no Jardim Suzana, hoje Diocese de Santo Amaro-SP. Na foto, ladeando Inez Garbuio Peralta, esposa do José Jorge Peralta, com Daniel em seu colo, aparecem nosso colega DARCY CORAZZA (49/52) e a saudosa e querida MARIA GENÉSIA ÁVILA, esposa do Corazza, que foram os padrinhos. Daniel, hoje já com 36 anos de idade, juntamente com seu pai, é colaborador efetivo de nossos encontros bianuais em São Roque, confeccionando o livreto das nossas missas.



PARÓQUIA DAS TROVAS

Toda a eleição é um barato
e os candidatos perfeitos,
mas quando assumem de fato,
sobra pra o povo os defeitos!

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Ao candidato a prefeito
e a vereador vamos dar
Nesta eleição -não tem jeito!
Uma banana exemplar.

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)



Envie-nos você também a sua trova
Tema para o próximo
ECHUS: RIO +20 / ECOLOGIA

TEMA: ELEIÇÃO

Através da eleição
um povo politizado
pode fazer da Nação
um País rico e avançado.

Alfredo Barbieri (49/53)

Este é ano de eleição
e votar é coisa séria,
ou melhora a situação,
ou continua a pilhéria.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

PARA-CHOQUE DO CAMINHÃO DO IBATÉ

**Casamento é igual Av. Paulista:
começa no Paraíso e
termina na Consolação**



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

ECHUS DO IBATÉ NA ERA ELETRÔNICA

Até a alguns anos atrás, uma carta demorava uns quinze dias para sair do “remetente” e chegar ao “destinatário”; Isso, se ou quando chegava.

Os tempos mudaram e os serviços dos Correios melhoraram muito. Uma correspondência ou uma encomenda postada num dia, chega ao destino em 24 horas, ou em 48 horas se a distância for grande.

Os tempos continuam mudando, agora de modo vertiginoso. Do casamento do computador com a tecnologia da informação nasceu a internet que veio interferir nos mais diferentes campos da vida moderna. A mídia eletrônica transmite de imediato toda espécie de informação e, com muita frequência, em tempo real.

E pensar que Paris ficou sabendo da morte de Napoleão um mês após ele ter morrido na ilha de Santa Helena!

Em seguida nasce o correio eletrônico (para a alegria/tristeza dos carteiros...), o tal eletrônico mail, expressão que pode ser pronunciada com maior rapidez: e-mail. Então, as nossas correspondências chegam de imediato, uma atrás da outra e, muitas vezes, dando “serviço” pra “lixeira”.

Ora pois. O nosso ECHUS DO IBATÉ precisa seguir na esteira do processo eletrônico; deve acompanhar a agilidade das comunicações. Daí porque já há algum tempo

o boletim tem chegado às mãos de alguns colegas também através da internet. O ideal será que isso aconteça com o maior número possível de ex-alunos. Por quê?

Muito simples:

- pela disponibilidade imediata de chegar ao leitor assim que a edição estiver pronta;
- toda a coleção estará disponível em um arquivo virtual, a serviço de muitos outros interessados;
- pela substancial redução de custo financeiro (envelopes, correio, papel, tinta...) e de mão de obra (dobrar, envelopar, levar ao correio...);
- o planeta Terra sabe se defender sozinho, mas uma ajudazinha com economia de papel e de tinta não faz mal pra ninguém.

Acontece que o cadastro do nosso ECHUS contém o nome de 927 ex-alunos e professores. Desse universo, 450 têm o registro de seu e-mail e apenas 115 fizeram a opção por recebê-lo via email. E os outros? Ainda não atingiram a idade dos meios eletrônicos ou estão com medo dos hackers? do WikLeaks?

Vamos colaborar com a campanha do ECHUS DO IBATÉ eletrônico. Mande-nos seu endereço eletrônico para o email echus@zipmail.com.br, mesmo que você prefira continuar recebendo (e vai receber) através do correio convencional.

O JANTAR DA PRIMEIRA SEXTA-FEIRA

*“Faça uma lista de grandes amigos,
quem você mais via há 50, 60 anos atrás...
Quantos você ainda vê todo dia?
Quantos você já não encontra mais?”*

Oswaldo Montenegro

Não perca seu tempo andando por aí, desnorteados e sem saber o que fazer, ou ainda, hipnotizando-se com um computador ou um aparelho de TV, novelas, bbb's e tantos comerciais de carros, bebidas, bancos ou lojas de móveis. Bobaaagem! Mude já a sua vida para melhor e alinhe-se conosco! Principalmente se for uma primeira sexta-feira do mês. Oras bolas! Vá direto ao TERRAÇO PAULISTA; lá é o seu lugar. E estamos conversados! É o local e a hora (a partir das 19h30) onde se reúne, com muita alegria, todo o pessoal do Turma do Ibaté. Jamais que nessa vida você perderá uma chance dessas, meu amigo! Sai dessa! São pessoas de sua meninice, de sua juventude, todos já bem crescidinhos e, por isso mesmo, uma ótima oportunidade para você dar umas boas gargalhadas, sentir-se leve e solto, com a certeza de que não deve nada a ninguém e que já resolveu uma tonelada de problemas de sua existência, com grandeza. Para isso, não é necessário qualquer documento: basta dizer que também faz parte da Turma do Ibaté. Isto diz tudo. Leve amigos e familiares; eles também

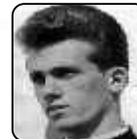
vão se divertir. E você se verá muito bem acolhido, baterá papo com um monte de pessoas inteligentes e gentis. Conhecerá, também, um mundaréu de gente que rapidamente serão seus grandes amigos. Esteja certo que sua roda de amigos leais vai crescer e você ficará muito orgulhoso de si mesmo. Sem contar que isso cura uma grande diversidade de moléstias, sim, moléstias; você deixará de ficar exposto a elas. Já pensou nisso? Vamos nessa; não desperdice suas energias. E fique atento ao que lhe dizemos, antes que seja tarde...tem muito mais graça a vida quando a gente tem com quem repartir, bem repartida, a graça que a vida tem.

Compareça, reencontre seus grandes amigos,

Restaurante TERRAÇO PAULISTA - o ponto de encontro da Turma do Ibaté - Rua São Carlos do Pinhal, 200 São Paulo-SP, esquina com Alameda Joaquim Eugenio de Lima. A 200 metros da estação de metrô BRIGADEIRO
A partir das 19:30 horas

CASO EDIFICANTE

José Lui*



CASAMENTO ENTUSIASMADO

Jacó, 92 anos e Rebeca, 89 anos, com grande entusiasmo resolvem se casar. Decidem passar numa farmácia.

- Desculpe-me, o senhor é o proprietário?
- Sim, responde o farmacêutico.
- Nós estamos prestes a nos casar. O senhor vende remédio para o coração?
- Sim, sem dúvida.
- E para a pressão?
- Sim, também.
- E remédio para reumatismo e para artrite?
- Sim, de vários tipos
- E remédio para problemas da memória?
- Sim, também estes.

E o velho Jacó ainda pergunta.

- Desculpe-me, o senhor tem vitaminas, soníferos, reconstituintes para a 3ª idade e antídotos para o mal de Parkinson?
- Claro que sim, respondeu o farmacêutico já um tanto irritado.
- Enfim por último, o senhor vende cadeiras de rodas, muletas e bengalas?
- Sim, respondeu o farmacêutico, de todos os modelos e tamanhos.
- Mas que ótimo, exclamou Jacó entusiasmado. Vou fazer aqui a lista de presentes de casamento.

José Lui, 75 (49/56)- Filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978. rubrolui@hotmail.com

FLUXO FINANCEIRO

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 23.07.2012	
SALDO EM 21.05.2012	21.975,69
ENTRADAS	
Contribuições e doações	1.915,51
Juros	222,73
TOTAL ENTRADAS	2.138,24
SAÍDAS	
Postagem Echus 120	777,15
Impressão Echus 120	950,00
Kalunga cf 28083-etiquetas	83,80
Despesas Bancárias	26,80
TOTAL SAÍDAS	1.837,75
SALDO ATUAL 23.07.2012	22.276,18
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas, no período de 24.5.2012

23.07.2012, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Antonio da Aparecida Simões Cucio, Antonio da Silva Machado, Carlos Domingues Cosso, Francisco Fierro, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Justo da Silva, Rocco Antonio Evangelista, Vicente de Paulo Moraes e Vladimir Merlo Garcia. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté - São Roque - SP - Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Jurandyr Amadi, Antonio Aparecido Pereira-Pe.Cido, Augusto José Chiavegato, Attilio Brunacci, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Wolf, Letterio Santoro, Paulo Francisco Toschi e Paulo Oliveira Leite Gonçalves.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, Caixa

Postal 71.509, Cep 05020-970, S.Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

E-mail: echus@zipmail.com.br

Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com

E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com

"Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br

Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br

Twitter Amigos do Ibaté: http://twitter.com/echusdoibate

Comunidade no ORKUT: EX-ALUNOS SEMINÁRIO DO IBATÉ

(www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?Cmm=723696)

Comunidade IBATEANOS no Facebook

Tiragem: 1.000 exemplares.

Diagramação/Impressão:

Conexão Propaganda - (11) 3903.9697



conexão
propaganda